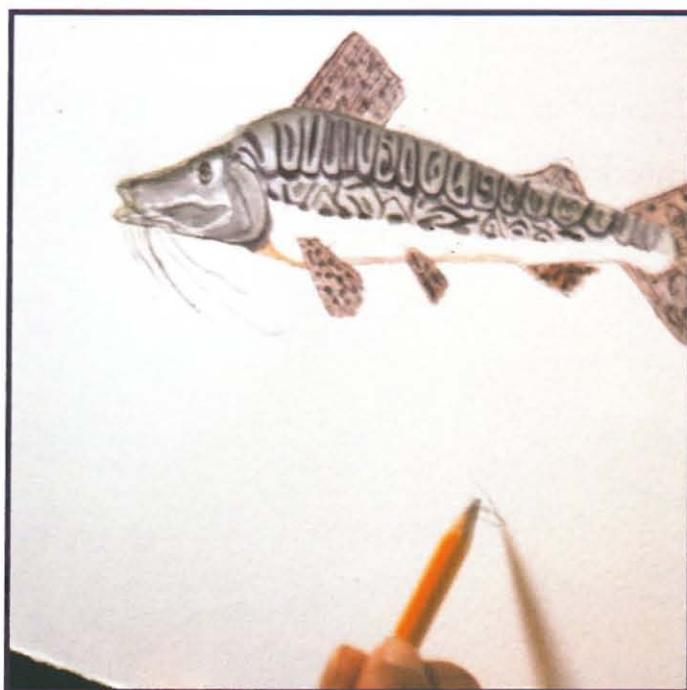


Arte em aquarela na formação de Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre

Introdução

Nesta pesquisa em andamento, a arte é enfocada como tema interdisciplinar nos cursos de formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas do Acre, desenvolvidos pela Comissão Pró-Índio do Acre. A partir de uma educação intercultural, trabalhou-se com técnicas de ilustração em aquarelas sobre papel, para que agentes agroflorestais indígenas tenham conhecimento sobre as diversas manifestações artísticas de nossa sociedade, e diferentes opções de trabalho em seus materiais didáticos. A ilustração científica proporciona um encontro entre a arte e a ciência, e é considerada, hoje, um importante instrumento de defesa ambiental, ao registrar espécies da flora e fauna.



A arte configura-se como um canal de comunicação privilegiado, já que permite o reconhecimento do outro como diferente de si em suas concepções de mundo, em seu modo de vida e em sua produção material e artística e, ao mesmo tempo, como igual, dono de sensibilidade, inteligência, criatividade, capaz de elaborações sobre aspectos fundamentais da existência humana. (VIDAL; LOPES da SILVA, 1995, p.370).

Ao lado dos professores e dos agentes de saúde indígenas, surgiu, há pouco mais de dez anos, no estado do Acre, uma nova categoria de agente comunitário: o *agente agroflorestal indígena* (AAFI). Hoje, mais de 115 AAFIs que atuam em 22 terras indígenas do estado estão em formação, num programa idealizado pela Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC)¹. Eles têm o objetivo de possibilitar que um número crescente de povos indígenas, por meio de processos participativos e educacionais culturalmente fundados, faça a identificação, a sistematização, a valorização e o uso de alguns dos conhecimentos e tecnologias relativos ao meio ambiente para a gestão de seus territórios.

O processo de aquisição e desenvolvimento da língua indígena e portuguesa escrita, além de outras linguagens (desenho figurativo, mapas, escultura e vídeos), constitui exercícios criativos. Esses estudos são referenciados no cotidiano e nos saberes tradicionais e atuais, além de apresentarem o desafio da criação de palavras e conceitos para os novos saberes, fortalecendo a língua materna.

A orientação do trabalho de formação dos AAFIs parte do princípio da "autoria" que, traduzido numa metodologia, chama os agentes agroflorestais a pensar, produzir e aplicar os conteúdos do programa curricular, relativo à questão socioambiental, de forma a pôr em relação de sentido seus próprios conhecimentos, com os saberes das demais culturas, indígenas e não indígenas. (VIVAN MONTE; GAVAZZI, 2002, p.15).

Neste trabalho enfocamos especificamente as atividades de formação dos agentes agroflorestais nos cursos de ilustração em aquarela. A partir de uma educação bilíngue, diferenciada e intercultural procura-se informar técnicas de ilustração científica sobre papel, para que agentes agroflorestais indígenas possam aperfeiçoar suas técnicas, sua capacidade crítica e tenham conhecimento sobre as diversas manifestações artísticas de nossa sociedade. O curso também tem a preocupação de especializar um número de AFFIs com especial interesse e talento para a profissão de ilustradores, oferecendo opções de trabalho na elaboração de materiais didáticos (livros e cartazes) "de autoria" que auxiliem na gestão ambiental de suas terras. Nos cursos presenciais que acontecem anualmente no Centro de Formação dos Povos da Floresta, na cidade de Rio Branco, o programa de formação de AAFI vem trabalhando com a ilustração, que proporciona um encontro entre a arte e a ciência, considerada hoje um importante instrumento de defesa ambiental, ao registrar espécies da flora e fauna.

Sobre a arte indígena, a análise de Vidal e Lopes da Silva (1995, p.374) observa que:

maior parte das culturas não ocidentais não tem uma palavra para designar o que nós chamamos "art", porque para eles não se trata de uma especialidade separada do resto da vida. Os indígenas e outros povos não ocidentais não fazem objetos que servem só para serem contemplados. Tudo o que fabricam tem que ser bonito e, além de bonito, bom.

Portanto, a arte permeia toda a vida dessas sociedades. A arte indígena é encontrada em várias produções como a pintura e ornamentos corporais, cerâmica, tecelagem, cestaria, escultura, plumaria, máscaras, e atualmente também em desenhos sobre papel e imagens audiovisuais (vídeos). O papel "abriu novas fronteiras e foi facilmente assimilado pelos povos indígenas" (VIDAL; LOPES da SILVA, 1992, p.288); no entanto, essas inovações não descaracterizam os estilos próprios a essas sociedades (GALLOIS, 1992, p.210).

Assim, ao longo de tantos anos de contato com a sociedade nacional, os povos indígenas sustentam uma arte que os particulariza. Os temas abordados nos desenhos mostram a capacidade de resistência cultural indígena frente ao contato com o branco. Vários trabalhos sobre arte indígena contemporânea mostram que o estilo básico resiste com êxito, pois se trata "de uma dimensão decididamente política de que tais povos dotam a sua arte gráfica no enfrentamento com a sociedade nacional." (VIDAL; LOPES da SILVA, 1992, p.291).

Desse modo, a arte gráfica contemporânea – como os desenhos em papel – revela sua concepção de universo, além de representar uma marca da reafirmação da identidade étnica. Também é interessante notar que, na utilização de materiais como o papel, canetas, lápis e tintas, foi mantida a qualidade estética. (GRUBER, 1992, p.250).



Nas comunidades indígenas também existem indivíduos mais talentosos ou aptos a “certas atividades artísticas e estéticas do que outros e reconhecidos como tais pela comunidade”, (VIDAL; LOPES da SILVA, 1992, p.263, 281), embora a maioria seja capaz de realizar as atividades artísticas, cujos processos são de conhecimento de todos.

Em relação aos povos indígenas do Acre, a arte do povo Kaxinawá possui características muito marcantes, destacando-se a importância dos desenhos “Kene Kuin”, desenho verdadeiro, em sua cultura. Esses grafismos representam elementos da natureza, como animais e plantas, e fazem parte tanto das pinturas corporais como das tecelagens e cerâmicas, e ainda cestaria. (LAGROU, 2004).

O programa de formação de agentes agroflorestais indígenas vem trabalhando a visão do índio sobre os problemas ambientais que atingem seus territórios. Os AAFIs indígenas estão realizando diferentes formas de registro nos diagnósticos ambientais e indicando possíveis soluções.

O trabalho de ilustração com os agentes agroflorestais indígenas

Na ilustração, tanto plantas como animais foram registrados com detalhes e utilizando-se das cores naturais. Por exemplo, em uma ilustração botânica devem estar presentes todas as partes da planta, retratadas o mais fielmente possível. Esse tipo de ilustração é também um documento de registro da biodiversidade.

Etapas do trabalho da ilustração botânica:

1. observação da planta a ser desenhada, por exemplo, um galho;
2. elaboração de um esboço a lápis, registrando as caracte-

- terísticas: formas e proporção de cada parte da planta;
3. registro das características do vegetal: textura, forma e proporção;
4. acabamento do trabalho, que pode ser em branco e preto (utilizando-se o grafite ou o nanquim), ou em cores, utilizando-se em geral a aquarela.

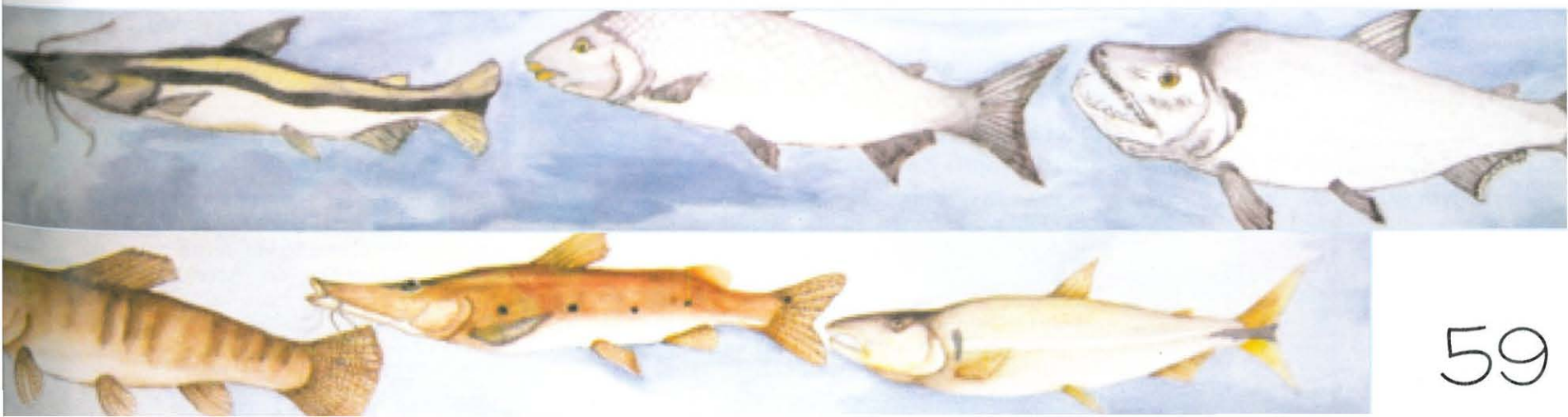
Observamos as características do vegetal como: forma, tamanho, tonalidades, tipo de nervuras das folhas, disposição das folhas nos ramos, flores, sementes, enfim, todas as suas características. Também podemos mostrar uma flor, ou fruto, por dentro, isso tem importância nas pesquisas de biologia.

Às vezes é necessário aguardar o período das flores ou dos frutos, assim o desenho é feito em várias estações, dessa forma o trabalho é adaptado ao ritmo biológico das plantas.

Atualmente, no Brasil, as ilustrações têm a importância de mostrar a riqueza da fauna e da flora, e alertar para a preservação ambiental, registrando plantas e animais que se tornam mais raros dia a dia.

Nesse trabalho ficou evidente a sensibilidade e habilidade indígena nas artes plásticas, assim como um profundo conhecimento das culturas indígenas do seu meio ambiente. Pois seus registros da flora e fauna mostram tanto detalhes de cada elemento retratado, como uma visão do contexto ambiental da espécie desenhada.

Os temas trabalhados nos cursos de ilustração foram o da vegetação, folhas, flores, floresta e os sistemas agroflorestais. Outros temas foram os registros das diferentes espécies de peixes relacionadas ao seu contexto ambiental. Esse trabalho teve como objetivo levantar as diferentes espécies existentes nos rios das terras indígenas.



No desenvolvimento desse módulo, cada um dos participantes mostrou seu estilo próprio, e seu interesse em certas temáticas a serem ilustradas.

Essa foi uma experiência que demonstrou a expressão indígena nas artes plásticas, marcada pela espontaneidade, liberdade e ainda a informalidade, por estarem ausentes técnicas acadêmicas como perspectiva, composição e uso das cores, registrando com beleza e vitalidade uma visão de mundo, em que se evidenciou o conhecimento e a habilidade indígena tanto em relação às artes plásticas como à biodiversidade.

Como parte das atividades do curso, apresentamos textos sobre os primeiros registros da natureza brasileira pelos naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX. Os naturalistas eram cientistas que viajavam pelos continentes com o objetivo de registrar os ambientes, os animais, as plantas, e os povos desconhecidos. Esses naturalistas não possuíam outro recurso além dos próprios olhos, mãos, lápis e tintas para registrar o que viam.

Geralmente os módulos de ilustração em aquarela contam com um número pequeno de participantes, devido à necessidade de um acompanhamento mais próximo do aluno.

Os cursos de formações dos AAFIs começam com seus cantos tradicionais, pois, como explicaram, a música chama a força espiritual da pintura corporal (cantos rituais Kaxinawá - pintura corporal, o pajé canta quando a mulher está pintando; referem-se à caçada, pesca, alegria, chuva, roça, pintura corporal, caiçuma²), todas as músicas (cantigas) têm um sentido de chamar as forças cósmicas para os respectivos temas trabalhados nos desenhos, os espíritos efetivamente agem como agente criativo na elaboração dos desenhos, deste modo a música e o desenho estão intimamente associados na cultura indígena.

Podemos concluir que, para esses artistas indígenas, seus desenhos estão relacionados a outros “domínios do pensamento”, ou seja, a ordem estética está ligada a uma ordem cosmológica e social próprias a cada povo. (VELTHEN, 2000).

Ilustrações

Figura 1 Ilustração aquarela, vegetação florestal. Biná Kaxinawá.

Figura 2 Ilustração aquarela, registro de peixes. Biná Kaxinawá.

Figura 3 Ilustração aquarela, registro de peixe. Acelino Kaxinawá.

Foto 1 Ilustrador Acelino Kaxinawá.

Foto 2 Ilustrador Acelino Kaxinawá, registro de peixe.




1. O programa contou com apoio inicial do PDA-MMA e prossegue através a Secretaria de Extensão e Assistência Técnica Rural do Governo do Acre desde 2001. Ver "Implantação de tecnologias de manejo agroflorestal em terras indígenas do Acre". CPI/AC. Experiências PDA n.3, agosto de 2002.

2. Caiçuma - bebida fermentada feita de mandioca.

Referências

- GALLOIS, T. D. Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas. IEPE, 2006.
- GOMIDE, Maria Lucia C. Relatório do XII Curso de Formação de Agentes Agroflorestais Indígenas - CPI/Acre (Comissão Pró-Índio do Acre), set. 2005.
- HALLAWELL, P. À mão livre 2. Técnicas de desenho. São Paulo: Melhoramentos, 1996.
- IVANISSEVICH, A. O pincel mágico de Margaret Mee. Ciência Hoje, Especial Amazônia, 1991.
- LAGROU, Elsje. ISA - Instituto Socioambiental, 2004.
- LEAL FERREIRA, M. Escrita e oralidade no parque indígena do Xingu: inserção na vida social e a percepção dos índios. Revista de Antropologia USP, v.35, 1992.
- VELTHEN, L. V. Catálogo da Mostra do Redescobrimto BRASIL+500. 2000.
- VIDAL, L. (org.). Grafismo indígena. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, Edusp, 1992.
- VIDAL, L. A pintura corporal entre índios brasileiros. Revista de Antropologia USP.
- VIDAL, L.; LOPES da SILVA. O sistema de objetos nas sociedades indígenas arte e cultura material. In: GRUPINONI; LOPES da SILVA (org.). A temática indígena na escola, 1995.
- VIVAN, J. L.; MONTE, N. L.; GAVAZZI, R. A. (org.). Implantação de tecnologia de manejo agroflorestal em terras indígenas do Acre. In: Revista Experiência PDA. Brasília, 2002.



Renato Antonio Gavazzi
Coordenador do Setor de Agricultura e Meio
Ambiente/Comissão Pró-Índio do Acre - CPI/AC

Maria Lucia Cereda Gomide
Artista plástica e aluna do Programa de Pós-Graduação em
Geografia Física do Departamento de Geografia FFLCH - USP